

ARTIGO ORIGINAL

Contribuições da Naturologia para a autonomia do interagente

Contributions of Naturology to the autonomy of interagent

RESUMO

Introdução: a Promoção da Saúde é corresponsabilidade dos diversos setores que constituem a sociedade, sendo também dever dos profissionais da saúde contribuir para a construção de maiores graus de autonomia dos usuários por meio de ações de Educação em Saúde. A Naturologia aproxima-se da Promoção e Educação em Saúde, a partir da Relação de Interagência, por ser uma relação transversal que propõe a corresponsabilidade no processo terapêutico, bem como o reconhecimento e a valorização dos sujeitos, referidos como interagentes. **Objetivo:** identificar de que forma os naturólogos atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS) têm contribuído para maiores graus de autonomia de seus interagentes a partir da Relação de Interagência, além de conhecer suas opiniões sobre a inter-relação entre Interagência e Autonomia, e as contribuições da Naturologia para a Promoção da Saúde. **Método:** o estudo foi de caráter qualitativo e exploratório; os dados foram coletados em campo através de entrevista semiestruturada com nove naturólogos atuantes no SUS e analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** foram elaboradas seis categorias: 1) Percepção e atuação dos naturólogos quanto à Autonomia; 2) Repercussões do atendimento naturológico para a autonomia dos interagentes; 3) Desafios na coconstrução da autonomia; 4) Percepções sobre a Relação de Interagência; 5) Inter-relações entre Interagência e Autonomia; 6) Contribuições da Naturologia para a Promoção da Saúde. **Considerações finais:** é possível afirmar que a Naturologia a partir da abordagem terapêutica em Interagência pode atender os pressupostos da Promoção e da Educação em Saúde, contribuindo para a autonomia dos interagentes.

PALAVRAS-CHAVES:

Naturologia.
Interagência.
Autonomia.
Promoção da Saúde.
Educação em Saúde.



Stephany Nicolli Dourado Fonseca

- Bacharel em Naturologia, 2015,
Universidade Anhembi Morumbi.
E-mail: stephany.naturologia@gmail.com

Paula Cristina Ischkanian

- Naturóloga pela UNISUL. Doutora em
Ciências pela Faculdade de Saúde
Pública da Universidade de São Paulo.
E-mail: paulli@usp.br

Adriana Elias Magno da Silva

- Doutora em Ciências Sociais –
Antropologia, pela Pontifícia
Universidade de São Paulo. E-mail:
adrimagno@gmail.com

DOI: 10.19177/cntc.v6e11201745-58

CORRESPONDENTE:

Adriana Elias Magno da Silva

R. Dr. Almeida Lima, 1134 - Brás, São
Paulo - SP

E-MAIL

adrimagno@gmail.com

Recebido: 21/06/2017

Aprovado: 30/07/2017

ABSTRACT

Introduction: Health Promotion is the responsibility of the various sectors that constitute society, and it is also the duty of health professionals to contribute to the construction of greater degrees of autonomy of the users through Health Education actions. Naturology approaches the Promotion And Health Education, based on the Relationship of Interagency, since it is a transversal relationship that proposes co-responsibility in the therapeutic process, as well as the recognition and appreciation of the subjects, referred to as interagent. **Objective:** to identify how naturologists working in the Universal System of Health (SUS) have contributed to a greater degree of autonomy of their interagents based on the interagency, in addition to knowing their opinions about the interrelation between Interagency and Autonomy, and the contributions of Naturology to Promotion of Health. **Method:** the study was qualitative and exploratory; the data were collected in the field through a semistructured interview with nine naturologists active in SUS and analyzed through the Bardin content analysis. **Results:** six categories were elaborated: 1) Perception and actuation of the naturologists regarding Autonomy; 2) Repercussions of the naturological care for the autonomy of the interagents; 3) Challenges in the construction of autonomy; 4) Perceptions about the Relationship of Interagency; 5) Interrelations between Interagency and Autonomy; 6) Contributions of Naturology for the Promotion of Health. **Final considerations:** it is possible to affirm that Naturology from the therapeutic approach in Interagency can meet the assumptions of Health Promotion and Education, contributing to the autonomy of the interagents.

Keywords: Naturology. Interagency. Autonomy. Health promotion. Health education.

INTRODUÇÃO

A Promoção da Saúde, pautada no conceito da integralidade é corresponsabilidade dos diversos setores que constituem a sociedade desde as esferas do governo, empresas, comunidades, famílias e indivíduos. Assim, também é papel do profissional da saúde contribuir para a constituição de maiores graus de autonomia dos usuários por meio de ações de educação em saúde e valorização dos sujeitos e suas singularidades para que estes estejam cada vez mais conscientes de sua corresponsabilidade no processo saúde-adoecimento e tornem-se capazes de refletir e agir criticamente sobre sua saúde e as condições de qualidade de vida que estão inseridos, transformando assim seu contexto¹.

Visando ratificar o compromisso na ampliação e qualificação das ações de Promoção da Saúde nos serviços e gestão do SUS, o Ministério da Saúde aprovou em 2006 a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), que tem por objetivo geral:

Promover a qualidade de vida e reduzir vulnerabilidade e riscos à saúde relacionados aos seus determinantes e condicionantes – modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais².

Assim, a Promoção da Saúde requer um conceito ampliado de saúde, que a considere como um resultado dos modos de organização da produção, do trabalho e da sociedade em determinado contexto histórico. Dessa forma, as diversas mudanças ocorridas no processo saúde-adoecimento não são apenas responsabilidade dos sujeitos e comunidades, mas também de diversos condicionantes e determinantes que interferem nas condições de vida da população, como o desemprego, a falta de saneamento básico, habitação e acesso à educação².

Portanto, a Promoção da Saúde requer ações que vão além da assistência clínica, capazes de intervir nas condições de vida da população e favorecer a ampliação de escolhas saudáveis por parte dos sujeitos, inclusive estimulando e fortalecendo o protagonismo dos cidadãos na construção e execução de políticas públicas cada vez mais favoráveis à vida, ratificando os preceitos constitucionais de participação social³.

Para isso é necessária uma reformulação da clínica, do modelo de abordagem dos usuários onde a partir do vínculo terapêutico, no caso da Naturolo-

gia promovido com a Relação de Interagência, o sujeito seja recolocado como corresponsável pela própria vida e possa fortalecer e exercer sua autonomia para transformar o seu entorno e melhorar suas condições de qualidade de vida.^{4,5}

A partir desse enfoque, a Educação em Saúde é uma estratégia da Promoção da Saúde capaz de auxiliar no processo de transformação dos sujeitos e na ampliação de sua compreensão sobre a complexidade dos determinantes da saúde e bem viver, contribuindo assim para desenvolver a sua autonomia e maior atuação nas mudanças sociais. A prática da Educação em Saúde requer atenção por parte dos profissionais para que não seja uma prática que reforce o paradigma reducionista, mas que antes inclua políticas públicas e ações que estejam comprometidas com o desenvolvimento da solidariedade e da cidadania, envolvidas na melhoria da qualidade de vida e promoção do homem, com o intuito de transformar a realidade para a libertação das pessoas¹.

Neste sentido Freire (2000) elucida que no processo educativo educar não é transferir conhecimento, mas criar as condições necessárias para a sua construção, considerando que “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. Desse modo o educador não deve tomar o outro como paciente, ao qual se doa, transfere ou oferece o conhecimento, mas antes deve respeitar a autonomia dos sujeitos e desafiar-los a produzir sua própria compreensão sobre a realidade, empoderando-os de seu papel como sujeitos sociais e históricos.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros [...] ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto⁶.

Por meio da abordagem terapêutica em Interagência, a Naturologia se aproxima da Promoção e Educação em Saúde, pois se propõe a olhar e interagir com o outro como sujeito corresponsável no seu processo terapêutico, valorizando e respeitando sua autonomia e estimulando-o ao autocuidado e auto-

conhecimento como forma de conscientização para a importância do cuidado em todas as relações (sociais, ambientais e políticas), pois são elas também determinantes da saúde^{3,5}

Assim, a Relação de Interagência tem sido vista como o diferencial da prática terapêutica naturológica e revelado um compromisso da Naturologia com as propostas da Promoção da Saúde e tem apresentado um grande potencial para auxiliar na construção de maiores graus de autonomia dos interagentes⁵.

Embora existam pesquisas sobre este tema, Carmo, Cobo e Hellmann (2012) afirmam que poucas pesquisas puderam abarcar amplamente a relação de Interagência, existindo uma lacuna a respeito dos aspectos teórico-práticos que embasam esta relação. Também, não foram encontrados nas bases de dados científicas, até o momento, artigos publicados sobre a interrelação a respeito da relação de Interagência e do conceito de autonomia.

Numa pesquisa que tinha por objetivo verificar se os alunos prestes a entrar no mercado de trabalho dominavam o termo interagência foi demonstrado que mais de quarenta e cinco por cento dos entrevistados não aplicavam a prática de interagência em seus atendimentos, trazendo à tona a necessidade de se reforçar a importância da relação de Interagência para a prática da Naturologia⁸.

Dessa forma, esta pesquisa contribuiu para a ampliação do entendimento teórico sobre a relação de Interagência na Naturologia, que tem mostrado potencial para fortalecer os princípios da Promoção da Saúde no contexto brasileiro.

Assim, o objetivo geral foi identificar de que forma os naturologos atuantes no SUS têm contribuído para a construção de maiores graus de autonomia dos usuários a partir da abordagem terapêutica em Interagência; e por objetivos específicos: a) conhecer como os naturologos têm estimulado a autonomia de seus interagentes durante a prática terapêutica; b) conhecer as ideias e opiniões dos naturologos que atuam no SUS sobre a interrelação entre autonomia e a abordagem terapêutica em interagência; c) conhecer a opinião dos naturologos sobre a contribuição da Naturologia para a Promoção da Saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. A coleta de dados se deu a partir de entrevistas semi-estruturadas, baseadas num roteiro de perguntas previamente testado com naturólogos e naturólogas atuantes no meio privado⁹.

Por se tratar de um estudo com seres humanos, o projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Durante o seu desenvolvimento cumpriu com os termos estabelecidos na resolução 466/12 de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos¹⁰.

Foram critérios de inclusão para a participação nesta pesquisa: a) ser graduado em Naturologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina ou Universidade Anhembi Morumbi; b) atuar como naturólogo no SUS; c) realizar o trabalho há pelo menos 6 meses; d) concordar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram identificados e contatados onze naturólogos atuantes no SUS em agosto de 2015, sendo que nove aceitaram participar e estavam de acordo com os critérios de inclusão da pesquisa. No momento da pesquisa, os entrevistados encontravam-se distribuídos em seis cidades brasileiras: um em Macaé (RJ), um em Laguna (SC), um em Tubarão (SC), um em Jundiá (SP), um em Registro (SP) e quatro em São Paulo (SP).

Duas entrevistas foram realizadas pessoalmente e sete entrevistas foram realizadas por meio virtual (Skype), por motivos de distância entre pesquisadora e participantes e por incompatibilidade de agendas. Apesar de quatro entrevistados estarem na cidade de São Paulo, foram encontradas dificuldades para realizar todas as entrevistas pessoalmente dentro dos prazos da pesquisa por incompatibilidade das agendas e contratempos diversos. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora.

O roteiro semi-estruturado utilizado para as entrevistas continha as seguintes perguntas:

1. O que você entende por autonomia em saúde?
2. Durante os atendimentos você tem estimulado a autonomia de seus interagentes? Como?
3. Na sua opinião, o atendimento naturoológico tem contribuído para que a pessoa adquira maior consciência sobre sua saúde? Se sim, como?
4. Você tem encontrado alguma dificuldade da sua parte para estimular a autonomia do interagente? Se sim, quais?
5. Você tem encontrado alguma dificuldade ou resistência do interagente no estímulo à sua autonomia? De que tipo?
6. Como você percebe a relação de interagência nos seus atendimentos?
7. Em sua opinião, qual o papel e a contribuição da interagência para estimular a autonomia dos usuários?
8. Você tem percebido alguma mudança na postura de paciente para a de interagente nos seus atendimentos?
9. Em sua opinião, de que forma a Naturologia contribui para a Promoção da Saúde?
10. Você gostaria de mencionar algo ou relatar alguma experiência que considere importante para esta pesquisa?

Após a transcrição do material coletado a partir das entrevistas, os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin, que consiste para Minayo (2013) em “descobrir os *núcleos de sentido* que compõe uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” e para Bardin (1979):

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A partir dessa concepção, a análise temática foi operada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação, durante as quais foi possível identificar as categorias de significados presentes nos discursos^{9,11}.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise do conteúdo das entrevistas, foram elaboradas seis categorias, sendo elas: (1) *Percepção e atuação dos naturólogos quanto à Autonomia*; (2) *Repercussões do atendimento naturológico para a autonomia dos interagentes*; (3) *Desafios na construção da autonomia*; (4) *Percepções sobre a Relação de Interagência*; (5) *Inter-relações entre Interagência e Autonomia*; (6) *Contribuições da Naturologia para a Promoção da Saúde*.

1. Percepção e atuação dos naturólogos quanto à autonomia

Nesta categoria, os naturólogos entrevistados relataram sobre (1) suas percepções quanto ao conceito de autonomia em saúde e (2) de que forma eles têm estimulado a autonomia dos interagentes durante os atendimentos.

Sobre (1) as percepções dos entrevistados quanto ao conceito de autonomia, a maior parte relatou que autonomia está ligada a autoconhecimento, auto-observação e consciência, no sentido da pessoa ser capaz de se observar, conhecer suas necessidades e formas de atendê-las, como fica exemplificado nas falas a seguir:

“Então, eu acredito que autonomia primeiro vem na questão da consciência né, a pessoa se observar, se conhecer. Autonomia está ligada a autoconhecimento, na minha opinião.” (N9).

“Eu imagino que é um conhecimento, um autoconhecimento do seu corpo, das suas necessidades, e os recursos do meio pra poder se cuidar e a pessoa realmente ter um cuidado consigo né, eu acho que é isso.” (N2).

Os entrevistados também enfatizaram que autonomia é ter consciência de sua corresponsabilidade sobre a própria saúde, e que é preciso empoderar os indivíduos sobre o seu papel no processo saúde-adoecimento:

“É mostrar para o paciente que ele é o grande responsável pela própria saúde [...].” (N3).

“Acho que só o indivíduo em última análise é que consegue de fato fazer a mudança de comportamento, a mudança de olhar, a mudança de escolha, só depende dele [...].” (N1).

“O que eu vivi e vi muito é que a Naturologia através das práticas consegue fortalecer e mudar esse indivíduo e trazer a consciência de que ele tem o poder de ter autonomia sobre a saúde dele e a vida dele.” (N6).

Neste contexto, segundo Campos e Campos (2014), a autonomia tem sido colocada nos últimos anos como um dos objetivos ou finalidades centrais da política, da gestão e do trabalho em saúde, cabendo também ao sistema de saúde contribuir para a ampliação da autonomia das pessoas como categoria norteadora da Promoção da Saúde.

Assim, “a autonomia pode ser traduzida como um processo de coconstituição de maior capacidade dos sujeitos de compreenderem e agirem sobre si mesmos e sobre o contexto conforme objetivos democraticamente estabelecidos.”⁴

É importante pontuar que um dos entrevistados levantou a questão sobre a forma como os indivíduos são tratados durante o processo de saúde-adoecimento, levantando questionamentos sobre o quanto o direito de escolha é garantido dentro da dinâmica dos serviços de saúde:

“Autonomia em saúde acho que primeiro é você escolher de que forma você quer recuperar sua saúde, seja escolhendo o profissional, ou o método que é usado, forma de tratamento, os medicamentos. O indivíduo tem autonomia a partir do momento que ele tem o direito e começa a escolher a forma que ele quer se tratar.” (N8).

Neste sentido, Haeser, Büchele e Brzozowski (2012) lembram que apesar da autonomia estar relacionada com a ideia de liberdade e livre decisão dos indivíduos sobre suas ações, ela acaba sendo relativa numa sociedade democrática, pois depende também de condições externas ao sujeito, como das relações sociais, das leis, da política e de suas relações de poder.

Dessa forma, podemos compreender a autonomia como “a capacidade do sujeito de lidar com sua rede de dependências”, considerando assim que a autonomia depende de um conjunto de fatores, tanto internos quanto externos ao sujeito⁴.

Quanto à (2) forma como os naturólogos entrevistados têm estimulado a autonomia dos interagentes durante os atendimentos, a maior parte relatou que esse processo se dá por meio de conversas, questiona-

mentos, orientações e sinergia das terapias, buscando levar a pessoa a reflexões sobre si mesma:

“[...] é principalmente a indagação, é a conversa.” (N4).

“[...] iniciando ali nos próprios questionamentos da avaliação, acho que já levando àquela reflexão profunda sobre si mesmo, então acho que a partir dali já faz pensar em como ela está agindo, levando a vida dela.” (N8).

“Aí somado com as práticas naturais que a gente aplica, e o que a gente orienta pra fazer em casa, eu acho que isso já promove bastante autonomia pra pessoa.” (N8).

“[...] e aí com esse trabalho que a gente faz, das práticas corporais, da palestra, os florais, a fitoterapia, a meditação [...] então isso contribuiu muito pra conquista da autonomia.” (N6).

Um dos entrevistados ainda destacou que é importante estimular a consciência da complexidade e multidimensionalidade dos processos de saúde-adoecimento para o interagente, para que este possa olhar para sua saúde de uma maneira mais ampla, reiterando assim a importância da conscientização para a autonomia:

“Então, a primeira coisa que eu faço é ajudar essa pessoa a entender que a queixa dela é relacionada com muitas coisas, com vários níveis né, a queixa é normalmente o fim, ou a ponta, de um processo que começou bem antes.” (N1).

Por isso, no entendimento dos naturólogos entrevistados a autonomia em saúde relaciona-se com autoconhecimento, auto-observação, consciência, corresponsabilidade por si e por sua saúde, sendo modulada pela garantia de escolha e acesso aos tratamentos diversos de saúde e pela compreensão da complexidade dos processos de saúde-adoecimento. E em sua prática têm estimulado a autonomia por meio de conversas, questionamentos e sinergias das terapias levando o interagente a reflexões.

2. Repercussões do atendimento naturológico na autonomia dos interagentes

Nesta categoria, os naturólogos entrevistados expuseram suas percepções sobre como os atendimentos têm contribuído para uma maior consciência e autonomia dos interagentes sobre sua saúde.

Para os entrevistados, as contribuições podem ser percebidas principalmente a partir de mudanças de atitudes, crenças e comportamentos que os interagentes demonstram ao longo dos atendimentos e que refletem uma maior iniciativa frente à tomada de decisões importantes, bem como a reflexões e insights:

“[...] a pessoa muda, ela começa a entender melhor as coisas, ela começa a buscar uma qualidade de vida, ela começa a se auto observar, como que está agindo, o que está comendo, será que tal coisa é verdade mesmo.” (N6).

“[...] eu vejo que a pessoa tá conseguindo se observar de fora, se perceber, isso é uma atitude de autonomia pra mim, o indivíduo tem um insight [...].” (N1).

“Ah, às vezes eu consigo perceber atitudes que a pessoa tem assim, que eu percebo que ela está assumindo a autonomia da saúde dela, da vida dela.” (N9).

“Dá pra perceber na própria expressão dela, corporal, a postura dela, e dá pra perceber também nas atitudes que ela conseguiu tomar nos últimos dias, as decisões que ela teve na vida dela, as mudanças que ela conseguiu promover.” (N8).

A partir dos relatos acima, fica evidente a importância do empoderamento dos interagentes no processo de coconstrução da autonomia. Nesse sentido, é importante observar que para a Promoção da Saúde há uma relação estreita entre o empoderamento e a autonomia:

Para a promoção da saúde, o processo de empoderamento refere-se à dimensão criativa e instituinte da ação, ou seja, é por meio dele que os indivíduos ou grupos desenvolvem habilidades e capacidades para a tomada de decisões e controle sobre suas vidas e sobre os determinantes sociais¹³.

Para os naturólogos entrevistados, os atendimentos têm contribuído para um maior empoderamento dos interagentes, o que tem sido refletido em mudanças de comportamentos e crenças, para atitudes com mais consciência sobre si, reflexões e insights.

3. Desafios na coconstrução da autonomia

Esta categoria trata dos desafios, limites e dificuldades que têm sido encontrados pelos naturólogos entrevistados no processo de coconstrução de maiores graus de autonomia dos interagentes, tanto (1) da parte dos profissionais quanto (2) da parte das pessoas atendidas.

Segundo os entrevistados, (1) a forma de conduzir a relação de interagir de modo personalizado para cada indivíduo tem sido um desafio, visto que essa atitude independe de protocolos a serem seguidos e requer um estado de maior atenção e observação por parte do profissional e do interagente:

“[...] acho que é até uma arte mesmo, a forma de conduzir a interação, porque cada pessoa que aparece na sua frente é única né, então... aí é mais assim, acho que é um desafio maior ainda porque não tem manual pronto e a gente [...] já é assim formado pra tratar cada pessoa de uma forma única” (N8).

“Porque na verdade não é técnico né, porque quando a gente fala de observação, a gente tá abrindo mão do protocolo [...] Porque a ideia é que o caminho seja individualizado. Não exatamente o caminho da técnica, mas o caminho do processo, porque eu posso até usar as mesmas técnicas, a questão não é a técnica, é o caminho de significado que eu construo. É o caminho interno que esse indivíduo constrói, isso que é o nosso diferencial, e isso é modulado pela nossa capacidade de vínculo, de observação, de consciência de quem está atendendo e de quem está sendo atendido” (N1).

Desse modo, percebe-se que há uma preocupação por parte dos naturólogos em conduzir os atendimentos de forma individualizada, considerando a subjetividade de cada indivíduo, priorizando sua participação ativa e consciente durante o processo, atitude distanciadora de modelos de atendimento focados no diagnóstico de doenças e sintomas. Sobre esse aspecto relacionado à prática naturopática, Silva (2013) afirma que:

O naturólogo tem um papel importante por ser ele o agente fortalecedor da capacidade individual de lidar com esse processo. A arte do cuidado em Naturopatia engloba mais do que as técnicas empregadas, envolve uma atitude ética de respeito e tolerância com o outro.

Ainda nesse sentido, os entrevistados informaram sobre a preparação do profissional da naturopatia em estabelecer o vínculo terapêutico e dispor de diversas maneiras para abordar cada pessoa:

“Eu acho que entra num campo mais psicológico de poder realmente ter um instrumento de sensibilização [...] talvez um jeito de abordar.” (N2).

“[...] vai muito do teu vínculo terapêutico de trazer esse cliente para o trabalho que está sendo feito [...] de você conseguir trazer o paciente para o tratamento.” (N7).

“[...] a capacidade de fazer esse tipo de ligação, de criar esse tipo de vínculo [...] esse vínculo diferente eu entendo por interação [...]” (N1).

É importante comentar que na opinião de alguns entrevistados, a estrutura organizacional do serviço em que trabalham tem limitado sua atuação com a Naturopatia, foram relatadas principalmente dificuldades por conta do curto tempo de atendimento e falta de continuidade do tratamento:

“Assim, um desafio que eu percebo por lá é quanto à continuidade desses pacientes [...]” (N4).

“[...] aqui no hospital eu não consigo fazer tanto isso por conta da falta de tempo [...]” (N5).

“E eu não consigo mais atuar realmente como Naturóloga [...] acaba sendo uma coisa totalmente mecânica, igual a gente reclama de médico. [...] Logo, o próprio sistema faz com que você tenha que produzir em um tempo curto, então você acaba fazendo dessa maneira.” (N3).

Considera-se importante discutir essas dificuldades. Compreender que a estrutura desse tipo de funcionamento do serviço não tem sido adequada ao modelo de trabalho do naturólogo. Mesmo com atendimentos individuais aos usuários, as dificuldades têm relação com a gestão específica da unidade de trabalho, como relatado por N3, que acaba por exigir produção por tempo trazendo para este contexto uma realidade do próprio SUS.

Para os entrevistados lidar com a visão de saúde que os interagentes trazem também tem sido um desafio, por ser esta muitas vezes reducionista e imediatista, como observado nas falas:

“[...] você encontra pacientes que têm uma auto percepção muito grande, mas tem outros que nunca pararam pra pensar nisso, e aí vão ali realmente no intuito de um atendimento padrão, que é um atendimento médico mesmo né [...] E se relata muito no físico, estou sentindo dor isso, estou sentindo dor aquilo, então ir permeando isso foi e é um desafio.” (N4).

“[...] já chegam assim, querendo resultado rápido, e alguns abandonam por isso, porque tá tomando floral e não tá fazendo efeito, ou então eu fiz a massagem sei lá o quê e não aliviou a dor.” (N3).

Além de ser um desafio para os naturólogos, a questão da visão biomédica sobre a saúde também foi mencionada como uma das principais dificuldades observadas nos interagentes durante os atendimentos (2):

“[...] porque tem pessoas que estão num grau de alienação que é difícil, então elas vêm procurando um alívio de um sintoma específico, e não querem nem olhar pra uma outra possibilidade que seja uma possibilidade participativa, que empodera, etc.” (N1).

“O que eu vejo é que eles não têm muita noção mesmo da parte da integralidade, da emoção, dos pensamentos na influência da saúde. Não existe isso.” (N3).

“[...] mas a pessoa espera que as coisas aconteçam com só o profissional fazendo a parte dele, e ele não tem que fazer nada, ou ele acha que é um remédio que faria tudo, e ele vê que na verdade não vai ser.” (N8).

A visão reducionista sobre a saúde que alguns destes interagentes têm trazido acaba por dificultar a compreensão da proposta de tratamento da Naturologia, que é participativa, focada num olhar ampliado sobre a saúde:

“Mas acho que tem uma dificuldade de entender um pouco a nossa proposta da Naturologia. Entender a proposta é um pouco difícil. Quer dizer, não é um pouco difícil, na verdade é novo. [...]” (N4).

“[...] precisa ter um certo grau de abertura pra entender que a proposta não é essa, que é uma proposta de construir saúde [...] olhar pra uma outra causalidade da doença né, vamos dizer assim, uma causalidade que depende do indivíduo e não que exclui o indivíduo [...] e que é o oposto do paradigma do remédio.” (N1).

Os relatos acima demonstram como a influência do paradigma reducionista tem afetado a forma de se compreender e agir em saúde. Com o advento e afirmação das teorias pautadas na física newtoniana e na visão de mundo cartesiana, as ciências biológicas adotaram aos poucos a concepção mecanicista de vida, o que resultou no chamado modelo biomédico, onde pressupõe-se que os fenômenos biológicos podem ser melhor compreendidos quando reduzidos a seus mecanismos moleculares, e o corpo humano é visto como uma máquina, sendo a doença uma avaria em alguma de suas partes¹⁴.

A legitimação do paradigma biomédico e da visão reducionista em saúde traz consigo culturalmente uma atitude de passividade das pessoas que necessitam de cuidados em saúde, podendo vir daí a dificuldade em assumir uma postura mais empoderada e responsável ao se deparar com a proposta da Naturologia.

O indivíduo está acostumado a ser pensado como passivo no processo terapêutico, ele foi histórica e culturalmente ensinado a se sentir e ser paciente, submisso na relação terapêutica. O paciente é uma pessoa que necessita de tratamento médico e o principal ingrediente do tratamento é a paciência, virtude que faz suportar com resignação a maldade e as injúrias e as importunações. Reverter esta situação implica numa mudança profunda das premissas culturais e éticas. Tarefa que não é simples nem imediata⁵.

A atuação da Naturologia distancia-se do paradigma biomédico, e aproxima-se do paradigma vitalista em saúde, ao trazer para o foco de sua atuação o ser humano em sua totalidade, a busca da harmonia da pessoa com seu ambiente natural e social, a valorização da subjetividade do indivíduo, a promoção da saúde e a integralidade no cuidado¹⁵.

Para Ischkanian (2011) um diferencial presente na abordagem terapêutica da Naturologia tem sido a habilidade em agregar à sua prática profissional a visão corpo-mente-espírito, assim como a Antroposofia. Além disso, incorpora a visão energética implícita nas práticas de saúde não convencionais comuns às medicinas tradicionais.

Essa atitude é fundamental para promover saúde, pois dela decorre o reconhecimento dos indivíduos e valorização de sua subjetividade, além do entendimento de saúde como um fenômeno complexo dependente de diversos fatores interligados e interdependentes, internos e externos ao sujeito^{3,5}.

A Naturologia pretende trabalhar a saúde, em suas causas e não efeitos, reconhecendo que, muitas vezes, essas causas podem ser geradas por problemas estruturais da sociedade¹⁶.

Outras dificuldades que os naturólogos puderam identificar em seus interagentes para construção de maiores graus de autonomia dizem respeito ao grau de escolaridade e erudição, comodidade e inércia dos mesmos:

“Pessoas que têm mais instrução, que têm um desenvolvimento intelectual mais avançado, elas têm mais facilidade de compreender isso [...] Porque tem gente que nem mesmo compreende a importância dessa autonomia, nem entende o que é essa autonomia.” (N9).

“Quanto mais rústico ou menor a capacidade de abstração, porque a gente trabalha muito com o abstrato, a gente não trabalha tanto com o concreto, então quanto menor essa capacidade de abstração se torna um pouco mais difícil.” (N4).

“As pessoas do SUS são pessoas muito simples, muito... com pouco estudo, com muitos traumas assim de criações, pessoas que viveram situações muito difíceis né, então são pessoas difíceis mesmo de acessar.” (N2).

“Então, eu acho que a acomodação é um dos fatores que prejudica essa autonomia.” (N9).

“[...] ou também eles percebem que eles vão ter que fazer muito a parte deles e aí é mais fácil ficar naquela zona de conforto né.” (N8).

Para entender tais dificuldades, torna-se necessário e urgente a educação em saúde e o acesso à informação. Estes são elementos fundamentais para a constituição de maiores graus de autonomia das pessoas, considerando a intrínseca relação entre o conhecimento e a capacidade de escolher conscientemente.

Além disso, pode-se observar que a formação do naturalólogo precisa contemplar esse tipo de dificuldade ampliando e promovendo estudos culturais com mais profundidade a fim de permitir ao naturalólogo, o conhecimento necessário que não implique na culpabilização do indivíduo por sua falta de conhecimento, de educação ou capacidade intelectual quando este tem feito parte de um sistema de educação que não prioriza o pensamento crítico e, consequentemente reflexivo.

Neste contexto, Campos e Campos (2014) afirmam que:

A coprodução de maiores coeficientes de autonomia depende do acesso dos sujeitos à informação, e mais do que isso depende de sua capacidade de utilizar esse conhecimento em exercício crítico de interpretação. O sujeito autônomo é o sujeito do conhecimento e da reflexão. Reflexão sobre si e sobre o mundo. Mas a autonomia depende também da capacidade do sujeito de agir sobre o mundo, de interferir sobre sua rede de dependências. Sujeito da reflexão e da ação.

Nota-se nas falas dos entrevistados uma dificuldade em comunicar-se com os usuários do SUS que se encontram em uma situação econômica e social bastante divergente da maioria dos naturalólogos, visto que os cursos de graduação em Naturologia no Brasil são oferecidos apenas por duas instituições privadas e que a maior parte dos naturalólogos teve acesso ao ensino particular¹⁷.

Por esta razão, tratando-se do campo da saúde pública, torna-se relevante que os naturalólogos sejam formados para lidar com essa realidade, atuando com mais solidariedade frente às pessoas de qualquer classe econômica e situação de vida, adaptando sua linguagem e modo de atuação de forma coerente, para que estas possam usufruir dos benefícios da Naturologia, inclusive no quesito autonomia e autoconhecimento.

4. Percepções sobre a relação de interagência

Para Silva (2013) a questão da relação de interagência tem sido vista como uma importante característica da atuação do Naturalólogo. Portanto, esta categoria apresenta as percepções e reflexões dos entrevistados acerca desta importante questão.

Sobre as características da relação de interagência, a maior parte dos entrevistados a considera como uma relação de troca, uma relação horizontalizada onde todos aprendem e crescem com o processo terapêutico:

“Ah, mas eu acho que assim, a gente aprende muita coisa com as pessoas, então quando a gente vai ouvindo as pessoas e tratando as pessoas, a gente vai se tratando também, nas nossas questões pessoais. A gente acaba aprendendo algumas coisas, a gente acaba mexendo nos nossos conteúdos emocionais, psíquicos, espirituais e físicos também.” (N9).

Além disso, consideram que a relação de interagência é uma relação de proximidade, vínculo e disponibilidade para o outro:

“[...] é na criação do vínculo... na verdade é o momento, aquilo ali é um momento, é um encontro, e é nisso que eu vejo a interagência.” (N4).

“Pra mim a relação de interagência é uma relação de proximidade, de mesmo nível [...]” (N1).

“[...] mas é o processo terapêutico, eu percebo que você tem que estar cem por cento disponível.” (N7).

Hellmann e Martins (2008) reconhecem que durante a Interagência ocorre uma influência mútua, que faz com que o interagente passe a ser “transformador de si mesmo” e o naturalólogo “busque nessa relação uma nova maneira de ser no mundo”.

Por isso a relação de Interagência dialoga com a Educação em Saúde, pois entende o processo tera-

pêutico como um ato de troca, e filia-se à Pedagogia da Autonomia proposta por Freire (2000) por ter um sentido de emancipação do sujeito e não apenas de transferência de conhecimentos das medicinas naturais, propondo-se a criar um espaço onde o interagente seja capaz de se reequilibrar⁵.

Outro saber necessário à prática educativa [...] é o que falei do respeito devido à autonomia do ser do educando. [...] O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros Freire (2000).

Alguns entrevistados comentaram também sobre a importância da interagência como norteadora da atuação da Naturologia, relacionando essa abordagem terapêutica com a capacidade dos naturólogos de entrar realmente em contato com a complexidade do interagente, e dessa forma atuar de maneira integrada. Para isso, o naturólogo precisa estar num estado de atenção e observação de si mesmo e do outro:

“Então pra mim a interagência é uma maneira de nortear o conhecimento [...] a interagência lembra o naturólogo que o indivíduo é complexo, e que eu preciso estar conectado com ele, quando eu perco a conexão com ele eu perco a complexidade e se eu perco a complexidade eu perco a possibilidade de uma terapêutica integrada... é isso [...] Ou seja, é minha capacidade de ser observador de mim mesmo e do outro naquele momento.” (N1).

“A gente busca fazer um tratamento diferenciado, personalizado, e a interagência é que propicia esse tratamento personalizado, individual. Por quê? Porque como cada pessoa é única, cada pessoa acaba mostrando o caminho a seguir, com ela né, qual seria o melhor caminho, que na maioria das vezes a gente consegue ver o que funciona melhor com aquela pessoa.” (N9).

“Então ela exige muito da gente, tem que estar muito atento, muito presente [...]” (N7).

Assim, a Interagência na Naturologia pressupõe uma visão integrada e complexa dos processos de saúde-adoecimento, por colocar no foco da atenção e cuidado do naturólogo o ser humano em sua complexidade⁵.

O princípio da interagência é o diferenciador da prática terapêutica naturológica. Gera postura integrativa entre terapeuta e paciente; promove a filiação com princípios e paradigmas contrários à fragmentação do conhecimento e traz o componente ético como obrigatório para a construção do saber e do fazer em Naturologia⁵.

É importante comentar que um dos entrevistados afirmou ter resistência com o termo “interagente”, pois no seu contexto de trabalho acaba tendo que utilizar os termos “cliente” e “usuário”.

5. Inter-relações entre Interagência e Autonomia

Nesta categoria, os entrevistados expuseram sua opinião sobre o papel e a contribuição da relação de interagência para estimular a autonomia do interagente.

Em suas falas, os naturólogos demonstraram que a relação de interagência contribui para a autonomia por ser esta uma abordagem terapêutica que coloca a pessoa no centro de sua saúde, que estimula e possibilita tomadas de consciência e uma postura de corresponsabilidade com o tratamento:

“Porque a gente está atento nos sinais e atento em implantar essa ideia, e estar incentivando a pessoa a ter autonomia, a se dispor a falar o que acha, o que sente, colocando ela num papel importante né, colocando ela no centro da saúde dela [...]” (N9).

“[...] quando a pessoa percebe que você tá inteiro, que você tá fazendo um trabalho realmente com o coração, envolvido, preocupado, você desperta um senso de comprometimento no outro [...] e aí ele vai fazer o que precisa ser feito pra sua saúde melhorar né.” (N2).

“Porque quando você interage, você não permite que esteja monopolizado o atendimento. Quando você interage, querendo ou não, você dá responsabilidade para o paciente e pra você também, né. E a partir disso é trazer o entendimento de que vocês estão construindo algo, de que [...] o interagente e o naturólogo estão construindo algo e, portanto, são responsáveis, e assim autônomos.” (N4).

“Insight, insight pra mim é termômetro de interagência, a pessoa só gera insight num processo horizontal, num processo de mesmo nível, onde eu não me coloco numa hierarquia acima da pessoa.” (N1).

Os entrevistados deixam claro que há uma estreita relação entre a relação de interagência e o estímulo à autonomia. Neste sentido “A interagência é uma relação transversal que procura estabelecer a co-responsabilidade no processo terapêutico, implicando em reconhecimento e valorização da subjetividade.”¹⁹

Esta atitude proveniente da relação de Interagência revela o compromisso constante da Naturologia com a promoção da saúde e a autonomia do sujeito, ao estabelecer uma relação de cuidado humanizado, escuta acolhedora e criação de vínculo terapêutico²⁰.

Além disso, como citado anteriormente, filia a Naturologia aos pressupostos da Educação em Saúde, visto que “a concepção crítica da educação que pretende ser uma educação para a conscientização, para a mudança, para a libertação, solicita uma relação de proximidade entre os profissionais e a população”, pois nessa educação a produção do conhecimento passa a ser coletiva, uma vez que ocorre uma modificação mútua, já que ambos são portadores de conhecimentos distintos¹.

6. Contribuições da Naturologia para a promoção da saúde

Neste contexto, os entrevistados foram unânimes ao afirmar que a Naturologia contribui para a Promoção da Saúde por meio de sua visão ampliada, pautada num novo paradigma, que acaba sendo transmitida para interagentes e outros profissionais do meio de trabalho:

“[...] eu acho que a visão de promoção da saúde que o naturólogo traz é principalmente através do resgate da visão de mundo holística, integrativa, complexa. [...] Então eu acho que primeiramente uma mudança de paradigma, uma mudança de visão, sair dessa lógica cartesiana, quadradinha, onde uma pecinha encaixa na outra, e um ponto sempre vai em linha reta pro outro. A gente começa a conhecer a complexidade. Uma visão de interdependência e complexidade.” (N9).”

“Então acho que é um olhar que é um olhar assim bem ampliado né, sobre a vida, sobre o mundo, é a pessoa entender que é o complexo que a gente precisa cuidar, que são várias partes que na verdade são o todo.” (N8).

“[...] acho que o papel do naturólogo é justamente esse, lembrar o indivíduo e falar - olha, saúde é complexo, e a complexidade precisa ser atendida a partir de um olhar consciente, participativo, que inclui o indivíduo e não exclui, é isso, mudança de paradigma.” (N1).

“Eu acho que nossa função, nossa contribuição pra esse sistema com esses profissionais é justamente mostrar pra eles que não é só aquilo lá, que eu vou fazer um movimento, uma meditação, uma yoga, uma caminhada, porque eu vou trazer um benefício biológico, porém nós somos mais do que corpo [...]” (N6).

A mudança de paradigma referida é fruto de uma atual crise generalizada de percepção, na qual “a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana

newtoniana” encontra-se obsoleta para entender e atuar numa realidade onde os fenômenos estão cada vez mais interligados. Segundo Capra (2001), é preciso um novo paradigma, que tenha uma perspectiva ecológica, sistêmica e holística sobre a realidade, pois os problemas atuais a nível econômico, político, ambiental, inclusive no quesito saúde, como aumento do número de pessoas com transtornos psicológicos e câncer, são problemas sistêmicos, intrinsecamente relacionados com os valores advindos de uma visão fragmentada da realidade.

Novamente, a concepção e atuação em saúde foi intensamente moldada nos últimos séculos por essa fragmentação dos saberes. Agora, considerando o conceito ampliado de saúde, é necessário um olhar e uma atuação integrativa por parte dos profissionais para que de fato se promova saúde no contexto atual, que da mesma forma, coloque no centro de sua atenção o ser humano e devolva para os indivíduos sua responsabilidade e sua autonomia^{1,2,14}.

Em âmbito nacional, a PNPS, do Ministério da Saúde, de 2006, reconhece a necessidade de ações norteadas por essa visão ampliada e positiva da saúde, tendo como parte de seus objetivos ampliar a autonomia e corresponsabilidade de sujeitos e coletividades no cuidado integral à saúde, e promover o conceito ampliado de saúde entre os trabalhadores de saúde².

A ampliação do comprometimento e da co-responsabilidade entre trabalhadores da Saúde, usuários e território em que se localizam altera os modos de atenção e de gestão de serviços de saúde, uma vez que a produção da saúde torna-se indissociável da produção de subjetividades mais ativas, críticas, envolvidas e solidárias, e simultaneamente, exige a mobilização de recursos políticos, humanos e financeiros que extrapolam o âmbito da saúde².

Portanto, a Naturologia pode contribuir para a Promoção da Saúde também por meio de sua visão ampliada e integral, promovendo o conceito ampliado de saúde tanto com aos usuários do SUS quanto com os profissionais da Saúde.

Sobre esta contribuição, num estudo que teve por objetivo levantar discussões e reflexões sobre a atuação do Naturólogo no contexto de equipe multiprofissional com as Práticas Integrativas e Comple-

mentares (PIC) no SUS, 11 dos 12 profissionais não naturólogos entrevistados reconheceram a importância do olhar ampliado da Naturologia, e seis demonstraram a visão integral do ser humano como sendo a maior contribuição da Naturologia à equipe multiprofissional²¹.

Dessa forma o papel do Naturólogo na educação e conscientização das pessoas foi indicado pelos entrevistados como outra contribuição à Promoção da Saúde, pois por meio da educação em saúde é possível estimular a responsabilidade e a autonomia aos interagentes:

“[...] o naturólogo promove saúde através da conscientização e da educação, essa é a parte mais importante. Porque se as pessoas mudarem o jeito de ver o mundo, logo elas vão ter mais saúde né, porque a visão de mundo que é oferecida hoje em dia é uma visão de mundo doentia [...]” (N9).

“Eu acho que de várias formas que a gente pode contribuir, desde esse trabalho individual que é promover o autoconhecimento, a auto percepção, estimular a pessoa a se conscientizar e ela perceber que ela pode ter sua própria autonomia.” (N8).

“Pra mim o papel da Naturologia é lembrar o indivíduo que saúde só é possível com autonomia, ou com responsabilidade né [...]” (N1).

Para alguns naturólogos, a conscientização de uma visão mais ampliada sobre a vida e a saúde leva também à reflexões e mudanças na relação com o ambiente e a sustentabilidade, reiterando o papel da intersetorialidade para promover saúde.

“Então a Naturologia ela ajuda desde a tratar da ligação individual como pensar nessa parte de ecologia, de cuidar do ambiente, porque isso também é saúde, e quando a pessoa começa a cuidar ali do lugar onde ela vive, ela também vai ter saúde.” (N8).

“Por essa visão mais complexa, sobre a vida, sobre o ser humano, sobre a natureza, milhões de outras maneiras de promoção da saúde vão vindo né, desde respeito à natureza, desde inclusão do ser humano na natureza, de resgate da intuição, de resgate dos conhecimentos ancestrais.” (N9).

Segundo Ischkanian (2011), a Naturologia estimula a relação de equilíbrio do indivíduo com o ambiente e com a sociedade em que vive e que ao dispor de uma visão integral do ser humano é capaz de fomentar uma postura transdisciplinar, ampla e holística forçando desta forma, um debate no campo

das ciências, no entendimento do processo saúde-adoecimento, além de promover uma ação multidimensional na relação terapêutica, sob construção contínua de um novo paradigma.

Ainda, um dos entrevistados comentou que a Naturologia pode contribuir também para a implementação das PIC por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), do Ministério da Saúde, de 2008:

“Eu acho que o sistema já está politizado para que se tenha práticas integrativas e complementares, e a ocupação do Naturólogo, que agora nós já temos uma ocupação legitimada, se aplica a isso.” (N7)

A PNPIC foi criada visando atender à necessidade de se conhecer, apoiar e implementar experiências com práticas integrativas e complementares que vêm sendo desenvolvidas na rede pública, ampliando o acesso da população a estes serviços. Entre os objetivos desta política, está a prevenção de agravos, promoção e recuperação da saúde, voltado para o cuidado humanizado e integral, além de estimular a participação social e o envolvimento responsável dos usuários e trabalhadores com a efetivação das políticas públicas³.

Congruentemente Ribeiro (2015) afirma por meio de sua pesquisa que o naturólogo pode contribuir para a implementação da PNPIC por meio da integração dos conhecimentos compondo uma equipe multiprofissional, da abordagem humanizada e a visão integral acerca do sujeito e por ser um agente conciliador entre outras racionalidades médicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar como os naturólogos atuantes no SUS têm contribuído para a construção de maiores graus de autonomia dos usuários a partir da abordagem terapêutica em Interagência.

Com os dados obtidos, é possível afirmar que os naturólogos atuantes no SUS têm estimulado a autonomia dos interagentes por meio de conversas, questionamentos e sinergias das terapias, o que tem conduzido o interagente a reflexões, mudanças de comportamentos e crenças, maior tomada de

atitudes conscientes e *insights* acerca de si mesmos, contribuindo assim para seu maior empoderamento e autonomia.

Os principais desafios e dificuldades encontrados no estímulo à autonomia dos interagentes têm sido: desenvolver a interagência de modo individualizado, lidar com a visão biomédica de saúde dos interagentes e adaptar-se à dinâmica de funcionamento dos serviços. Coincidentemente, as dificuldades percebidas nos interagentes também têm sido em relação ao modelo biomédico, no sentido de limitar o entendimento da proposta terapêutica integrada e participativa da Naturologia; além disso, a falta de acesso à educação e comodidade dos mesmos têm sido outras dificuldades.

Os resultados obtidos indicam uma inter-relação entre a abordagem terapêutica em Interagência e a questão do estímulo à autonomia, visto que esta é uma relação de proximidade, troca e mútuo aprendizado, que tem por premissa a corresponsabilidade do interagente no tratamento e a valorização de sua subjetividade. Assim, a Naturologia, a partir da abordagem terapêutica em Interagência, pode atender os pressupostos da Promoção e da Educação em Saúde, contribuindo para a autonomia dos interagentes.

Os resultados também mostraram que a Naturologia pode contribuir para a Promoção da Saúde por sua visão integrativa e complexa sobre o Ser Humano e a Saúde, pautada num novo paradigma que prevê uma abordagem sistêmica da realidade. É importante frisar que baseados nessa visão ampliada é que naturólogos e naturólogas podem atuar de forma comprometida com a valorização dos sujeitos, com a integralidade da saúde, e com a necessidade de conscientizar os indivíduos sobre a complexidade dos fenômenos de saúde, empoderando-os e estimulando

sua corresponsabilidade com a Saúde a nível biológico, psicológico, social, político e ambiental como forma de transformar seu contexto e promover mudanças sociais a partir das mudanças de sua própria realidade. Ainda, a conscientização ecológica e o auxílio na implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares são outras contribuições importantes para promover saúde pautadas em um conceito amplo.

Dessa forma, para que a Naturologia possa colocar ainda mais em prática sua potencialidade como profissão capaz de promover saúde e auxiliar na construção de maiores graus de autonomia das pessoas, e na conscientização sobre a necessidade de adoção de um novo paradigma em saúde, é preciso que haja um maior empoderamento dos próprios naturólogos acerca de seus diferenciais e da importância da visão complexa e transdisciplinar que embasa a profissão. Recomenda-se assim que os profissionais busquem cada vez mais assumir-se como integrantes de uma profissão pautada em um novo paradigma, e norteiem sua prática nesta concepção sistêmica da vida e da saúde, para que a prática naturológica não seja apenas um momento de aplicação alopática de terapias, mas sim um espaço de construção de uma nova percepção sobre si e a Saúde e empoderamento dos interagentes frente à Vida.

Também se mostra necessário realizar estudos mais aprofundados sobre o diferencial e atuação da Naturologia, maior enfoque dos cursos de graduação em disciplinas norteadoras do olhar naturológico, como a complexidade e transdisciplinaridade e fomento à maior participação da classe profissional em grupos de estudo e de pesquisa que promovam momentos de reflexão sobre a prática, aprofundamento e consolidação da profissão.

CONFLITOS DE INTERESSE

Declararam não haver

FONTES DE FINANCIAMENTO

Não há

REFERÊNCIAS

1. Machado, M. de F. A. S., Monteiro, E. M. L. M., Queiroz, D. T., Vieira, N. F. C. & Barroso, M. G. T. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do sus - uma revisão conceitual. *Cien. Saude Colet.* **12**, 335–342 (2007).
2. Ministério da Saúde, Secretaria da Vigilância em Saúde & Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Promoção da Saúde*. 60 (2006). at <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/28_11_2013_14.57.23.7ae506d47d4d289f777e2511c83e7d63.pdf>
3. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS*. 92 (2008). at <<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/npic.pdf>>
4. Campos, R. T. O. & Campos, G. W. de S. in *Tratado de saúde coletiva* 719–738 (2014).
5. Silva, A. E. M. da. *Naturopatia: Um diálogo entre saberes*. (Prismas, 2013).
6. Freire, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. (Paz e Terra, 2000).
7. Carmo, R. K. do, Cobo, G. A. & Hellmann, F. A relação de interagency sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. *Cadernos de Naturopatia e Terapias Complementares* 29–41 (2012).
8. Loch, J. M. & Katekaru, K. Interagency: Nomenclatura ou ação? (Universidade do Sul de Santa Catarina, 2009).
9. Minayo, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. (Hucitec, 2013).
10. Ministério da Saúde & Conselho Nacional de Saúde. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. (2012). at <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>
11. Bardin, L. *Análise de conteúdo*. (Edições 70, 1979).
12. Haeser, L. de M., Büchele, F. & Brzozowski, F. S. Considerações sobre autonomia e promoção da saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 605–620 (2012).
13. Fraga, A. B. et al. Curso de extensão em promoção da saúde para gestores do SUS com enfoque no programa academia da saúde. 146 (2013). at <<http://u.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/04/Livro-EaD---Promo----o-da-Sa--de---Academia-da-Sa--de.pdf>>
14. Capra, F. *O ponto de mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. (Cultrix, 2001).
15. Ribeiro, T. C. D. A contribuição da Naturopatia para a implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares na concepção dos naturopatas que atuam no Sistema Único de Saúde. (Universidade do Sul de Santa Catarina, 2015).
16. Ischkanian, P. C. Práticas integrativas e complementares para a promoção da saúde. (Universidade de São Paulo, 2011).
17. Passos, M. A., Ribeiro, A. L. & Rodrigues, D. M. de O. Perfil sócio econômico cultural dos naturopatas do Brasil. (Universidade Anhembi Morumbi, 2015).
18. Hellmann, F. & Martins, G. T. in *Naturopatia Aplicada. Reflexões sobre saúde integral* 58 (Editora Unisul, 2008).
19. Barros, N. F. de & Leite-Mor, A. C. M. B. Naturopatia e a emergência de novas perspectivas na saúde. *Cadernos Acadêmicos Universidade do Sul de Santa Catarina* 2–15 (2011). at <https://www.portaldeperiodicos.unisul.br/ojs/index.php/Cadernos%0A_Academicos/article/view/715/668%0A>
20. Rodrigues, D. M. de O., Hellmann, F. & Sanches, N. M. P. A Naturopatia e a interface com as Racionalidades Médicas. *Cad. Acadêmicos* **3**, 24–36 (2011).
21. Gohara, R. I. F. M., Torro, C. A. & Portella, C. F. S. Práticas integrativas e complementares: a contribuição do naturopata com integrante de equipes de saúde no SUS. (Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2014).